

EUA acham que eleição reforça conservadores

Roberto Garcia
Correspondente

Washington — As eleições de 15 de novembro no Brasil deverão produzir um Congresso e uma safra de governadores mais conservadores que os atuais, afirmam análises dos órgãos de informação do governo dos Estados Unidos.

A conclusão dos analistas americanos ajuda a dissipar temores de alguns setores do governo Reagan de que o advento de um regime civil no Brasil propiciasse o surgimento de uma geração de líderes esquerdistas com grande apoio popular. Em vez disso, campanhas eleitorais menos inibidas parecem estar neutralizando setores radicais da esquerda, que têm precisado adotar posições pragmáticas para conviver democraticamente com outras forças políticas majoritárias.

Num relatório recente, a embaixada americana em Brasília menciona, divertida, como grupos políticos de claras origens esquerdistas passaram a "dormir na mesma cama" com os que serviram fielmente uma sucessão de governos presididos por militares. Com a erosão de suas características ideológicas, esses grupos parecem destinados a reforçar o centro.

O mesmo relatório mostra surpresa com o preço das campanhas eleitorais, que, em alguns casos, equipara-se ao das americanas. Em São Paulo, por exemplo, segundo esses cálculos americanos, cada um dos candidatos ao go-

verno do estado deverá gastar cerca de 25 milhões de dólares. Isso tornaria a campanha paulista até mais cara que a da Califórnia. O agravante é que, nos Estados Unidos, grande parte das despesas das campanhas vai para pagar anúncios de televisão. No Brasil, os candidatos beneficiam-se do tempo gratuito nesses órgãos de comunicação, diz um funcionário americano.

Os analistas americanos não esperam grandes mudanças na política externa brasileira em decorrência das eleições. O Itamarati é bastante estável e a troca de regime não mudou substancialmente suas posições. Eleições para o legislativo também não deverão afetá-lo, disse um analista.

Mas diplomatas americanos esperam que, depois das eleições, surja um clima mais produtivo para suas negociações a respeito dos temas que têm causado maiores tensões entre Brasília e Washington, especialmente na área de comércio e investimentos. Eles explicam que, em qualquer país, tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil, negociadores temem até discutir problemas em períodos eleitorais, com medo de que suas palavras vazem para a imprensa. Mesmo acomodações mutuamente benéficas e concessões retóricas passam a ser vistas como uma traição à pátria, viram tema de campanha e enrijecem as posições dos respectivos governos. Terminada a campanha, contudo, volta um clima mais propício para um entendimento, conclui o diplomata.